

Lições Aprendidas do Vietnã

William L. Stearman, Ph.D.



American Division Veterans Association Collection, The Vietnam Archive, Texas Tech University

Uma equipe combinada das Forças Regionais e Populares, as Forças de Campanha da Polícia Nacional e um pelotão de reconhecimento do 1º Batalhão da 20ª Brigada de Infantaria observam em silêncio a chegada de helicópteros da Divisão Americal para transportá-los para um assalto durante o amanhecer.

ULTIMAMENTE, TEM HAVIDO muita especulação que, ao lidar com o Afeganistão, há lições a serem aprendidas das nossas experiências no Vietnã. Um exemplo interessante, que evidencia considerável pesquisa, é o artigo “Afghanistan and the Vietnam Template” (“O Afeganistão e o Modelo do Vietnã”), na edição de Novembro/Dezembro de 2009 da *Military Review* (em inglês) [A tradução do artigo citado consta da edição brasileira de março/abril de 2010. — N. do T.], por dois acadêmicos, Thomas H. Johnson e M. Chris Mason. Os autores parecem ter formado seus pontos de vista sobre o Vietnã com base, em grande parte, em materiais publicados bem depois

da guerra. Minhas opiniões divergem um pouco das deles e são baseadas em meu envolvimento direto na Guerra do Vietnã e período subsequente, do final de 1965 até o início de 1976, dos arroyais à Casa Branca, incluindo 20 meses “no país”. (Depois, como integrante do corpo docente da Georgetown University, também pesquisei muito sobre o Vietnã.)

Conceitos Populares Errôneos sobre o Vietnã

Como a maioria que comenta sobre a Guerra no Vietnã, os autores de “Afghanistan and the Vietnam Template” sugerem que a guerra, da forma como nós e os sul-vietnamitas a travamos,

William Lloyd Stearman é diretor executivo da U.S. Naval Fire Support Association, um grupo voluntário, sem fins lucrativos, que promove o apoio de fogo naval de superfície eficaz. Serviu como oficial da Marinha dos EUA com a 7ª Força Anfíbia do Pacífico, de 1944 a 1945. Durante a Guerra do Vietnã, de 1965 a 1967, dirigiu as operações psicológicas contra o Vietnã do Norte e seu Exército. Em 1972, viu a “Ofensiva de Páscoa” como observador da Casa Branca no Vietnã.

Depois, chefiou o Estado-Maior da Indochina do Conselho de Segurança Nacional de 1973 a 1976. O Dr. Stearman é Bacharel pela University of California, Berkeley, e Mestre e Ph.D. pelo Graduate Institute of International Studies, da University of Geneva, na Suíça. Também é graduado da Escola de Estado-Maior das Forças Armadas. O Dr. Stearman se aposentou como Diplomata sênior dos EUA com a patente de conselheiro (equivalente a general-de-brigada).

não era, *a priori*, passível de ser vencida e que muitas semelhanças existem entre ela e a guerra atual no Afeganistão. No entanto, Johnson e Mason observam diferenças estruturais importantes. A meu ver, o ponto em que se enganam é na sua avaliação do inimigo no Vietnã. Por exemplo, descrevem os vietcongues como “guerrilheiros inadequadamente equipados”, mas esse era o caso apenas nas operações iniciais. Em pouco tempo, o Vietcongue tornou-se, em alguns aspectos, mais bem equipado que os sul-vietnamitas contra quem lutava. Por exemplo, por muito tempo, os franzinos soldados sul-vietnamitas tiveram de portar fuzis pesados semiautomáticos M-1 Garand, sobras da Segunda Guerra Mundial e da Coreia, enquanto as forças do Vietcongue logo se armaram com fuzis de assalto automáticos confiáveis e extremamente eficazes AK-47 Kalashnikov. Nesse aspecto, o Vietcongue esteve ainda mais bem armado por um período que os soldados dos EUA.

Mais duvidosa é a afirmação dos autores que “o Exército norte-vietnamita (ENV) e o Vietcongue (VC) não estavam lutando pelo comunismo. Estavam lutando pelo Vietnã”, que não era a nossa percepção na época. Sem dúvida, essa afirmação está relacionada com o mito comum e persistente que Ho Chi Minh era mais nacionalista que comunista. Em 1930, A Internacional Comunista (Comintern), controlada pelos soviéticos, enviou seu agente confiável Ho Chi Minh a Hong Kong para

...a vitória de Hanói, em 1975, resultou na imposição do comunismo no que tinha sido um notavelmente livre Vietnã do Sul.

criar o Partido Comunista Vietnamita. Em meados de 1946, as forças comunistas de Ho se juntaram aos franceses para esmagar os grupos nacionalistas verdadeiros que eram antifranceses e anticomunistas; centenas de seus líderes foram executados por ordem de

Ho. Ele detestava o nacionalismo e sempre se considerou um comunista internacionalista. Em 1951, Ho declarou na *Selected Works* que “O patriotismo autêntico é... parte inseparável do internacionalismo”. Por meio de execuções em grande escala, proscricções e controle brutal, Ho estabeleceu no Vietnã do Norte uma entidade comunista controlada rigidamente e dedicada a estender o comunismo por todo o Vietnã, Laos e Camboja. Da mesma forma que o Vietcongue, todas as unidades do “Exército Popular do Vietnã” de Ho possuíam oficiais políticos para assegurar a pureza ideológica dos soldados, já doutrinados no comunismo em todos os seus anos escolares. Sem dúvida, os soldados nesse Exército norte-vietnamita (ENV) e no Vietcongue estavam bem conscientes que lutavam para estender o comunismo ao Vietnã do Sul. É claro que isso também estava associado com o apelo patriótico de unificar todo o Vietnã. No entanto, como o líder norte-vietnamita Pham Van Dong declarou em 1960, “O comunista é o patriota mais autêntico”. Tínhamos toda a razão em considerar a guerra como sendo contra o comunismo. Isso foi certamente comprovado quando a vitória de Hanói, em 1975, resultou na imposição do comunismo no que tinha sido um notavelmente livre Vietnã do Sul.

Esse artigo da *Military Review* também está equivocado ao comparar a assistência externa a nossos inimigos no Vietnã e no Afeganistão. Há uma grande diferença entre o apoio muito limitado (se houver) que o Talibã supostamente tem recebido do Paquistão e de “sauditicos ricos” e a enorme quantidade de suprimentos militares que o Vietnã do Norte recebeu da União Soviética e da China, incluindo carros de combate, artilharia de longo alcance, foguetes e mísseis superfície-ar sofisticados.

Os autores de “Afghanistan and the Vietnam Template” dão grande importância ao papel que a corrupção desempenhou na frustração de nossos objetivos no Vietnã ao contribuir para a falta de legitimidade do governo do Vietnã do Sul. O fato é que a corrupção era (e é) endêmica em todo o mundo em desenvolvimento e até, às vezes, em grande parte do mundo desenvolvido. Esperar que o Vietnã do Sul fosse uma exceção foi irrealista. De fato, a corrupção era consideravelmente mais difundida no Vietnã do Norte que no Sul, refutando

a suposição comum de que havia algo moralmente puro sobre o extremamente disciplinado Norte. De fato, o problema da corrupção se tornou tão sério no Norte que, em 1967, o próprio Ho Chi Minh se sentiu compelido a fazer um pronunciamento em rádio e protestar contra essa perturbadora praga.

Aludi à alta taxa de deserção dos soldados do Exército sul-vietnamita (ESV). Esse foi, de fato, um problema grave. Contudo, a maioria dos que desertaram fez isso porque tinha saudades de casa ou por causa do baixo moral devido à liderança fraca. Vale notar que as forças territoriais e as Forças Regionais e Forças Populares “Ruff-Puff” (do inglês *Regional Forces e Popular Forces*), que combateram e morreram tanto quanto o Exército da República do Vietnã (o ESV), tinham uma taxa de deserção relativamente baixa porque esses soldados defendiam suas casas, suas aldeias e suas vilas. De qualquer forma, muitos poucos desertores do ESV passaram para o lado inimigo. Contudo, em 1967, aproximadamente 75 mil soldados do ENV e do VC *havia desertado* para o nosso lado. Nossas forças militares aproveitaram muitos deles, especialmente o Corpo de Fuzileiros Navais, cujos exploradores Kit Karson [Christopher “Kit” Houston Carson foi pioneiro do oeste norte-americano que se tornou notório pela atuação como guia e pela participação em guerras indígenas] desempenharam-se extremamente bem e se mostraram excepcionalmente fiéis. Há muito penso que cometemos um erro fundamental ao não formar pequenas unidades de desertores inimigos com experiência de sapador e guerrilha e inserilas em território hostil para atacar as bases e linhas de comunicações inimigas que, infelizmente, permaneceram em grande parte negligenciadas por nossas forças.

Obtive essa ideia de um desertor de escalão superior do VC que havia sido um comandante de regimento e estava amargurado por não ter sido promovido porque havia engravidado uma jovem local. Ele disse que todos que ele conhecia no outro lado se perguntavam por que nunca havíamos montado emboscadas ao longo de suas linhas de comunicações ou atacado suas bases com tropas terrestres. Em outras palavras, estávamos lhes dando de mão

beijada uma grande parte do país. Infelizmente, nunca consegui vender minha ideia aos generais americanos ou vietnamitas. Ainda acredito que esse programa poderia ter, no início, mudado o curso da guerra ao prender grandes números de soldados inimigos em papéis defensivos, com um custo muito baixo. Naquela época, gastamos US\$1 bilhão por mês (em dinheiro de 1966) na guerra. Ouvi falar que quando uma pessoa tem recursos demais, ela acaba sendo menos engenhosa, e esse certamente foi o caso no Vietnã.

Lições Importantes de Nossa Experiência no Vietnã

Posso ilustrar melhor minhas opiniões das lições a serem aprendidas do Vietnã ao fornecer uma análise geral da guerra. Nosso erro mais fundamental na guerra foi incentivar a derrubada de Ngo Dinh Diem em 1963. Diem havia feito um trabalho magistral neutralizando ou destruindo as várias facções políticas que estavam dividindo e debilitando o Vietnã do Sul. Uma vez li um relatório de 1959 capturado do núcleo principal de comunistas no Sul, que descrevia uma organização comunista gravemente dizimada, que lutava para



Uma manifestação em apoio aos generais que destituíram o presidente Ngo Dinh Diem. Quatro jovens sentados no capô do veículo, no primeiro plano, seguram um cartaz escrito à mão exigindo a execução do presidente Diem e de Ngo Dinh Nhu, janeiro de 1963.

sobreviver, como resultado das ações destrutivas de Diem. O Partido Comunista estava determinado a virar essa situação ao tomar a ofensiva. Isso se manifestou em ataques terroristas intensificados no Sul no início de 1960, seguidos pela infiltração de algumas centenas de soldados do ENV mensalmente no Vietnã do Sul. Depois, houve a formação da Frente Nacional para a Libertação do Vietnã do Sul (FNL) no final de 1960, que estava em conformidade com a prática de formar frentes dominadas por comunistas, de acordo com uma decisão do Comintern de 1935 de formar frentes populares como disfarces inofensivos do controle comunista. O Viet Minh e depois a frente Lien Viet foram exemplos norte-vietnamitas dessa prática.

A FNL foi elogiada pela Rádio Hanói em 3 de fevereiro de 1961 como um agrupamento de “vários partidos políticos, povos, grupos e personalidades religiosas e patrióticas”. Hanói negou firmemente qualquer ligação com a FNL ou ser de algum modo controlada pelos comunistas. Esse ardil enganou muitos no Ocidente, mas poucos no Vietnã. Eu até tinha colegas da Embaixada que acreditavam que a FNL existia na realidade como uma força independente e poderia ser instigada a se separar de Hanói. Capturamos milhões de páginas de documentos do lado inimigo e aquelas relacionadas com a FNL eram todas simplesmente recomendações de propaganda e nunca indicavam que a FNL tinha uma autoridade verdadeira ou responsabilidades operacionais. Simplesmente uma fachada, para todos os fins práticos, a FNL realmente não existia, embora continuasse a

Em 1964, sete governos subsequentes surgiram e caíram em Saigon, todos os quais eram bem piores e menos capazes que o governo de Diem...

ser o rótulo que a maioria do Ocidente aplicou ao inimigo no Sul. Com a vitória de Hanói em 1975, o pretexto da FNL foi abandonado, e ela desapareceu. (Também o Partido dos Trabalhadores do Vietnã de Hanói reverteu-se ao Partido Comunista do Vietnã.)

A derrocada de Diem. O programa de aldeias estratégicas de Diem proporcionou “um bom controle no campo”, segundo o embaixador James. D. Rosenthal, um jovem diplomata muito observador, estacionado nas províncias mais expostas no norte do Vietnã do Sul em 1962 e 1963. O programa de aldeias estratégicas tinha críticos, porém, e o próprio Diem não era muito popular. Os oficiais americanos o descreveram como um “mandarim” autocrático, arredo e difícil de lidar. A causa de sua ruína foi seu tratamento inepto das demonstrações budistas em maio de 1963. As manifestações tinham motivações políticas e não religiosas. Embora muitos da maioria budista se ressentissem dele por ser católico, Diem de forma alguma os oprimiu ou perseguiu. De fato, ele mandou até erguer um número de templos budistas. Sua repressão a essas demonstrações essencialmente políticas levou às autoimolações amplamente divulgadas de monges budistas, que abalaram a opinião pública ocidental. Aqui, a mídia dos EUA conseguiu mostrar Diem do modo mais desfavorável possível. Esse foi o início da grande e sinistra influência que nossa mídia passou a ter na opinião política e pública dos EUA em relação ao Vietnã nos 12 anos seguintes e que, como veremos, contribuiu imensamente para a vitória final comunista em 1975.

Essa influência levou ao malfadado apoio dos EUA à derrubada de Diem em 1º de novembro de 1963, que resultou no assassinato de Diem e seu irmão, Ngo Dinh Nhu. Os assassinatos surpreenderam totalmente e abalaram os americanos que haviam apoiado os conspiradores do golpe. A queda de Diem levou a uma instabilidade política prolongada em Saigon e em outros lugares e resultou na desintegração dos seus programas de pacificação no campo. Em 1964, sete governos subsequentes surgiram e caíram em Saigon, todos os quais eram bem piores e menos capazes que o governo de Diem e, em geral, impopulares. Tudo isso encorajou muito o lado comunista, que logo se aproveitou da situação caótica.

Como incentivamos abertamente a derrubada de Diem, o Vietnã virou *nossa responsabilidade*. Essencialmente, “compramos a guerra”. Essa é a razão pela qual nós, velhos experientes do Vietnã, sempre ficamos inquietos com as

sugestões de expulsarmos ou neutralizarmos o presidente do Afeganistão Hamid Karzai. O golpe desastroso contra Ngo Dinh Diem é, sem dúvida, uma lição importante que devíamos ter aprendido de nossa experiência do Vietnã.

Incentivado pela instabilidade criada pela expulsão de Diem, o lado comunista tomou a

A mídia permaneceu apegada à ideia de que a Ofensiva do Tet foi um desastre absoluto...

ofensiva e, em 1964, começou uma importante infiltração de soldados do ENV. A situação militar se deteriorou, e as instalações dos EUA foram atacadas. Isso levou a ataques aéreos de retaliação contra o Vietnã do Norte e, em março de 1965, à introdução das primeiras unidades combatentes dos EUA: batalhões de fuzileiros navais. Quando cheguei a Saigon no final de 1965, a cidade estava em um estado de sítio. Não se podia ir um quilômetro fora dos limites da cidade sem se arriscar a ser atingido. A própria cidade parecia estar inundada com terroristas VC. Nos aproximadamente vinte meses em que fiquei alojado em uma parte residencial da cidade, mais de trinta civis foram mortos dentro de três quadras de onde morava, muitos como resultado de ataques de foguetes. Não obstante, fiquei impressionado com o grau de liberdade de que todo mundo parecia desfrutar, quando, a meu ver, parecia que a ameaça constante de um ataque comunista justificava o estabelecimento da lei marcial. Também fiquei impressionado com o fato de que os suspeitos de serem terroristas do VC contavam com julgamentos razoavelmente justos, e alguns até foram absolvidos por falta de evidências. Os governos subsequentes deixaram muito a desejar e muito rapidamente fecharam os olhos para a corrupção e a incompetência, mas de modo algum foram opressivos.

Por outro lado, o VC dependeu claramente do terror para ganhar a lealdade popular. Isso ficou claro para mim de forma chocante logo após minha chegada, quando descobrimos que um grupo de VC em uma vila perto de Saigon tinha acabado de assassinar duas jovens, uma

enfermeira e outra professora, simplesmente porque representavam a presença do governo. De 1964 a 1967, mais de 6 mil chefes de aldeia, professores, enfermeiras e assistentes sociais foram assassinados pela mesma razão: para compelir os aldeões a se tornarem fiéis ao VC. Embora talvez nem sempre tivesse a “legitimidade” pelos padrões americanos, o governo do Vietnã do Sul conseguiu de alguma forma funcionar, e pelo menos a população não o temia. Para mim, parecia significativo que toda vez que as pessoas fugiam do campo para escapar de um desastre natural ou da guerra, sempre iam para as áreas controladas pelo governo do Vietnã do Sul, nunca para as controladas pelo VC.

A Ofensiva do Tet. Quando saí do Vietnã, ao final de agosto de 1967, as coisas tinham melhorado muito, apesar de todos os erros e deficiências que afligiram nosso esforço de guerra e dos sul-vietnamitas. De fato, nosso lado estava finalmente começando a ganhar a guerra. Esse fato foi refletido em declarações do presidente Johnson e de nossos oficiais superiores no Vietnã indicando que havia “luz no fim do túnel”. Essa foi a razão pela qual a famosa “Ofensiva do Tet” teve um impacto tão devastador e duradouro no público americano e em seus líderes e que acabou ajudando a assegurar uma vitória comunista.

Para os vietnamitas, o Tet, ou Ano Novo chinês como alguns o chamaram, era o Natal, Réveillon e uma comemoração de aniversário agrupados em um só evento. As pessoas compravam novas roupas, trocavam presentes e preparavam pratos prediletos para comemorar essa ocasião muito especial. Geralmente havia uma trégua na luta durante esse dia, e os soldados estavam em licença. Quando o lado comunista, principalmente soldados e líderes do VC lançaram um maciço ataque de surpresa na noite de 30-31 de janeiro de 1968, ele chegou como um grande choque para todos. Mais chocante foi a capacidade das forças comunistas de atacar 34 municípios provinciais, 64 municípios distritais e todas as cidades autônomas, incluindo Saigon, onde, de fato, entraram no terreno de nossa embaixada, um evento especialmente surpreendente. (A mídia dos EUA erroneamente relatou que o VC tinha realmente entrado na embaixada.) A mídia dos EUA, especialmente a TV, levou cenas vívidas de destruição e desastre

para as casas americanas, e elas causaram uma impressão duradoura. Essa foi uma antítese chocante da “luz no fim do túnel”.

O propósito declarado desse ataque conjunto foi fomentar e apoiar um levante popular geral. Esse planejado “Grande Levante” nunca saiu do papel. Em vez disso, a grande maioria do povo sul-vietnamita apoiou veementemente o governo do Vietnã do Sul; o povo e suas Forças Armadas em todos os escalões resistiram e se defenderam com coragem e determinação, muitas vezes arriscando suas vidas. Sem dúvida, jamais houve um reconhecimento tão impressionante da legitimidade do governo sul-vietnamita e isso nega uma das duas razões pelas quais Johnson e Mason dizem que perdemos no Vietnã: “A incapacidade de estabelecer a legitimidade da governança, que a população rural preferisse o suficiente como uma alternativa à Frente de Libertação Nacional (FNL) para arriscar a vida.” Essa ofensiva maciça foi totalmente esmagada em todo o país, e o VC sofreu uma derrota catastrófica da qual nunca se recuperou completamente.

A Parcialidade da Mídia. Não obstante, a mídia quase não cobriu esse importante fato. A mídia

permaneceu apegada à ideia de que a Ofensiva do Tet foi um desastre absoluto que provou que a guerra não poderia ser vencida. Walter Cronkite,

Um dos exemplos mais chocantes das injustiças nas reportagens da mídia sobre o Vietnã foi ignorar abertamente o horrendo Massacre de Hue...

que fez uma visita rápida ao Vietnã no final de fevereiro de 1968, depois da Ofensiva do Tet ter sido severamente derrotada e o VC quase que neutralizado, desconsiderou os relatos no local nesse sentido. Retornou aos Estados Unidos e, em uma transmissão de TV em 27 de fevereiro, descreveu a Ofensiva do Tet como uma derrota americana e recomendou que negociássemos uma saída da guerra. O presidente Johnson, depois de ver essa transmissão, supostamente declarou:

“Se eu perdi Cronkite, perdi a classe média americana”. Portanto, embora o inimigo houvesse sido derrotado completamente no Vietnã, graças à mídia dos EUA, ele ganhou a guerra onde contava mais — nos Estados Unidos.

Isso me leva ao papel essencial que a mídia desempenhou no Vietnã. Enquanto estava “no país”, em geral, descobri que o que nossos correspondentes reportavam para os EUA tinha pouca semelhança ao que eu vivia no terreno. Vários correspondentes me disseram que seus editores apenas queriam reportagens negativas e quando eles tentaram reportar qualquer evento ou acontecimento positivo seu material inevitavelmente acabava na lixeira ou no chão de uma sala de edição de uma emissora. Por isso, desistiram de tentar. A melhor descrição do papel perverso desempenhado pela mídia dos EUA pode ser encontrada no que



Douglas Pike Photograph Collection, The Vietnam Archive, Texas Tech University

Mulheres sul-vietnamitas, que perderam parentes no massacre do Tet, examinam pedaços de roupa, sandálias e chinélos, em 1968. A cova coletiva descoberta em Hue continha os restos de 250 vítimas.

considero o melhor livro de todos os tempos sobre a Guerra no Vietnã, *Vietnam at War, The History 1946-1975*, pelo general Phillip B. Davidson, Exército dos EUA (da Reserva Remunerada) (Oxford University Press, New York e Oxford, 1988), do qual cito livremente a seguir (páginas 487-489):

Um correspondente com vários anos de experiência no Vietnã, Robert Elegant [que eu conheci pessoalmente e admirava muito], que repreendeu gravemente seus colegas não apenas por suas enganadoras reportagens, não só sobre a Ofensiva do Tet, mas também sobre a guerra inteira, escreveu: ‘...nunca antes do Vietnã tinha a política coletiva da mídia — um termo menos severo não servirá — buscado por meio de uma distorção chocante e persistente — a vitória dos inimigos dos que estavam do mesmo lado dos correspondentes...’ Havia o instinto do rebanho. A maioria dos correspondentes reportou a guerra negativamente porque os outros jornalistas a cobriram dessa forma ‘Por que a imprensa era... tão superficial e tão tendenciosa?’ ele escreve, ‘A razão principal, entre muitas, a meu ver, foi a politização dos correspondentes pela constante intensificação do clamor sobre o Vietnã na Europa e nos Estados Unidos. A imprensa era instintivamente “contra o governo” e, pelo menos de modo reflexivo, a favor dos inimigos de Saigon’. A cobertura da TV sobre a Ofensiva do Tet mostrou o poder impressionante desse meio para influenciar os eventos nacionais. Em 18 de julho de 1982, o colunista Tom Wicker apareceu em um programa de televisão com os palestrantes David Brinkley, Sam Donaldson e George Will. Esse grupo, com uma visão ideológica muito diversa, concordou unanimemente que tinha se tornado impossível para uma nação travar uma guerra, quando o sangue e a carnificina do campo de batalha apareciam cada noite nas televisões do país. George Will citou a batalha de Antietam na Guerra Civil dos EUA como um exemplo, dizendo: ‘se o Norte pudesse ter visto essa batalha ao vivo e a cores, teria elegido McClellan como presidente, e seríamos duas nações hoje’.

O Massacre de Hue e My Lai. Um dos exemplos mais chocantes das injustiças nas reportagens da mídia sobre o Vietnã foi ignorar abertamente o horrendo Massacre de Hue realizado durante a Ofensiva do Tet. As forças do EVN e do VC capturaram a velha capital imperial Hue no norte do Vietnã do Sul em 30 de janeiro de 1968 e a mantiveram por 26 dias. Nesse período, grupos com pranchetas de listas anteriormente preparadas de “inimigos de classe” de Hue — funcionários públicos, líderes comunitários, policiais e suas famílias — começaram a deter os que constavam da lista, dos quais quase 6 mil simplesmente desapareceram e foram sem dúvida executados. Depois da libertação de Hue, uma cova coletiva contendo cerca de 3 mil corpos, incluindo os de dois padres católicos, foi encontrada. Há razão para acreditar que a maioria foi enterrada viva porque não havia ferimentos nesses corpos. O *The New York Times*, que tinha a maior agência de notícias em Saigon, nem cobriu essa descoberta repulsiva, mas simplesmente transmitiu uma reportagem por meio telegráfico. No total, na melhor das hipóteses, isso recebeu apenas um dia de cobertura. Um conhecido meu me contou sobre uma visita à cova coletiva. Uma equipe de TV estava presente, mas nem se preocupou em filmar porque o correspondente responsável “não queria produzir qualquer propaganda anticomunista”. (Não estou inventando isso.) Em 16 de março de 1968, uma unidade da “Divisão Americal” que vasculhava a aldeia de My Lai reuniu quase 200 mulheres, velhos e crianças e atirou neles, no que o mundo passou a conhecer como o Massacre de My Lai. A Divisão, cometendo um erro estúpido, escondeu isso por mais ou menos um ano. Quando essa atrocidade foi finalmente revelada, ela provocou um frenesi prolongado de acusações da mídia. Ao final, o oficial comandante da unidade transgressora, o 1º Tenente William Calley, foi condenado por uma corte marcial à prisão perpétua com trabalhos forçados, embora ele tenha recebido liberdade condicional em 1974.

Depois de retornar ao Departamento de Estado, muitas vezes dei palestras sobre o Vietnã para diversos grupos, cuja maioria era hostil à nossa presença. Eu sempre perguntava quantos tinham ouvido sobre o Massacre de Hue. Invariavelmente, nenhuma mão se levantava. Quando perguntava quantos tinham ouvido a respeito do Massacre

de My Lai, todas as mãos se levantavam. O primeiro incidente representou a política de Hanói, publicamente justificada, e realizada sistematicamente sob ordens, e que simbolizava as razões da guerra. O último incidente foi uma aberração trágica perpetrada em desobediência flagrante às nossas leis e políticas militares. Essa distinção pouco importou no caso da cobertura da mídia dos dois eventos. Essa é mais uma lição do Vietnã a ser aprendida: nossa própria mídia é capaz de se tornar um multiplicador de força para nossos inimigos.

A pacificação e a legitimidade. Com a eliminação eficaz do Vietcongue, a pacificação prosseguiu rapidamente. No final de 1968, 76% das aldeias no Vietnã do Sul haviam sido declaradas “relativamente seguras”, o que era um bom prognóstico para o êxito da pacificação.

Simplesmente, teremos de fazer melhor do que isso ao defender nosso envolvimento no Afeganistão.

Em 1969, foi realizada uma corrida de bicicleta do extremo norte ao extremo sul do país. Isso teria sido impensável antes do Tet. No final de 1969, graças aos programas ativos de pacificação americanos e vietnamitas, 92% da população e 90% das aldeias e vilas haviam sido declaradas seguras ou relativamente seguras. Em abril de 1968, o presidente Thieu tinha organizado a Força Popular de Autodefesa, à qual, no final das contas, se uniram 4 milhões de homens equipados com 600 mil armas. Essa foi uma prova clara da confiança de Thieu na lealdade do povo e evidência clara da legitimidade do governo. O programa de pacificação atingiu seu auge em uma das reformas agrárias mais bem-sucedidas na história: o programa “Terra para o Lavrador” (“Land to the Tiller”), que Thieu iniciou em 1970 e que transformou quase todos os agricultores em donos de sua própria terra. (Esse acontecimento muito positivo foi, é claro, ignorado pela mídia dos EUA.) Por todo o campo, isso fortaleceu consideravelmente a lealdade política ao governo,

umentando ainda mais a sua legitimidade. O decisivo desgaste da força do VC, resultado das ações militares sul-vietnamitas e norte-americanas, foi o fator principal para a proteção do povo e o seu isolamento do VC, possibilitando, assim, a pacificação.

Em retrospecto, acredito que um dos maiores erros que cometemos no Vietnã foi não tirar proveito dessa pacificação começando o processo de vietnamização antes, que consistia no processo de redução da presença americana no Vietnã do Sul e no reforço das Forças Armadas sul-vietnamitas. Logo que a situação se estabilizou, em 1966, devíamos ter dedicado muitos recursos para o treinamento de oficiais e graduados e para atualizar as armas e outros equipamentos das forças sul-vietnamitas, tanto do ESV quanto das “Ruff-Puff”. Na época, a atitude de superioridade da maioria que servia no Vietnã era “Fiquem ao lado, homenzinhos, e deixem que nós, os especialistas, façamos o trabalho”. Devo admitir que eu estava entre os que pensavam assim.

Claro, os vietnamitas que já lutavam havia alguns anos estavam mais do que dispostos a obedecer. Os rodízios breves de um ano também nos impediram de dedicar mais tempo para a vietnamização. Havia tantas outras coisas para cumprir naquele curto período. Foi só em 1968 que começamos um esforço sério para reequipar e melhorar a eficácia do ESV e planejar para a vietnamização. Em 1969, o presidente Nixon implantou o programa e começou a retirar as tropas dos EUA naquele verão. As forças do ESV aumentaram suas operações de combate de forma significativa e estavam trabalhando bem.

Isso foi exemplificado por seu desempenho nas operações combinadas entre abril e maio de 1970 contra refúgios comunistas no Camboja, onde antigamente eram proibidos de entrar. Contudo, uma incursão imprudente mais tarde no Laos sem o apoio americano, a Operação Lam Son 719, acabou em uma retirada desorganizada amplamente divulgada e em baixas excessivas. Embora o EVN tivesse sofrido perdas até mais substanciais, isso nunca foi reportado.

Em 1972, todas as forças terrestres dos EUA, com exceção dos assessores, haviam sido retiradas do Vietnã do Sul. Naquele ano, as forças dos EUA sofreram 200 mortos em combate em contraste com a média anual anterior de 7 mil. Contudo,

ainda províamos considerável apoio aéreo, naval e logístico. Com a derrota das forças do Vietcong, Hanói decidiu, em 1972, pôr à prova a vietnamização ao lançar sua maior ofensiva convencional da guerra. Essa “Ofensiva da Páscoa” empregou o equivalente a 23 divisões equipadas com centenas de carros de combate, artilharia e foguetes de longo alcance, mísseis superfície-ar e outras armas modernas, fornecidos pelos soviéticos. As forças terrestres sul-vietnamitas — ESV (Exército) e Fuzileiros Navais — com o absolutamente crucial apoio aéreo, naval e de logística dos EUA, detiveram a ofensiva e lançaram uma contraofensiva, entre outras coisas, recapturando a posição mais forte do inimigo, Quang Tri, localizada muito perto do próprio Vietnã do Norte.

Se não pudessem reter Quang Tri, provavelmente não poderiam ter retido mais coisa alguma. Essa ofensiva custou ao Vietnã do Norte aproximadamente 100 mil mortos em combate, duas vezes o número de soldados dos EUA mortos em combate durante a guerra inteira. Toda a mão-de-obra disponível teve de ser empregada para lançar essa ofensiva. Depois da vitória de Hanói, em 1975, um ex-comandante do mais alto escalão que atuou no Sul, o general Tran Van Tra, revelou no órgão do Partido *Nhan Dan* que, na realidade, seus soldados estavam em condições desesperadoras e perto da derrota em 1972. Como o ex-diretor da CIA William Colby escreveu em seu livro de 1983, *Lost Victory*, “A guerra no campo havia sido vencida no Vietnã do Sul [no outono de 1972]”.

Infelizmente, nós na Casa Branca não percebemos completamente esse fato. Os analistas da CIA estavam, desde a Ofensiva do Tet, certos de que a guerra não poderia ser vencida, e essa convicção sem dúvida foi a razão para eles não sinalizarem nem perceberem essa efetiva derrota do inimigo. Depois de servir dois anos na “comunidade de Inteligência” na Agência de Inteligência e Pesquisa do Departamento de Estado, fiquei completamente desiludido com a politização da análise de Inteligência. Tanto na CIA quanto na Agência de Inteligência e Pesquisa do Departamento de Estado, os analistas demonstravam uma clara parcialidade, que prejudicava seu discernimento. Nessa época, eu trabalhei com Henry Kissinger como perito em

relação ao inimigo, mas cheguei a acreditar que estávamos mal servidos pela CIA. Um verdadeiro quadro do que efetivamente ocorreu não existia.

Meu próprio juízo foi prejudicado logo no início quando fiquei diretamente no caminho da Ofensiva da Páscoa em uma missão de investigação. Por estar no lado que recebeu o ataque de munições soviéticas pesadas por dias não me tornei otimista sobre o resultado. Além disso, os assessores americanos com quem falei inicialmente estavam — erradamente, viemos a descobrir — igualmente pessimistas.

A avidez de Kissinger em terminar a guerra por meio da negociação nos levou a arrancar nossa derrota das garras da vitória ao celebrarmos prematuramente os “Acordos da Paz” de Paris, que, infelizmente, permitiram que os soldados norte-vietnamitas permanecessem no Vietnã do Sul e estabeleceram um desaconselhável “cessar-fogo”. Conforme o general norte-vietnamita Van Tien Dung escreveu convincentemente no *Nhan Dan* em 1976, “O acordo [de Paris] representou uma grande vitória para nosso povo e uma grande derrota para os imperialistas dos EUA e seus lacaios”.

Depois disso, o Congresso reduziu a ajuda militar americana para o Vietnã do Sul em quase 70%. Em 4 de junho de 1973, a Emenda Case-Church proibiu todas as operações militares na Indochina. Isso assegurou decisivamente a derrota do Vietnã do Sul em 1975. Como disse Van Tien Dung: “A diminuição da ajuda americana tornou impossível para as tropas de Saigon realizar seus planos de combate e de desenvolvimento de força.” Como descreveu Dung, em seu livro *Great Spring Victory* (citado no livro de Davidson mencionado anteriormente): “Nguyen Van Thieu foi forçado a travar uma guerra do homem pobre. O poder de fogo do inimigo tinha diminuído em quase 60%... sua mobilidade também foi reduzida pela metade.” Tínhamos descaradamente traído nosso aliado.

Concluo aqui com a principal lição a ser aprendida do Vietnã: o apoio público para qualquer empreendimento militar no exterior é essencial. Infelizmente, nosso governo fez um péssimo trabalho de explicação da Guerra do Vietnã para seu povo e de reação contra as reportagens negativas da mídia sobre ela. Simplesmente, teremos de fazer melhor do que isso ao defender nosso envolvimento no Afeganistão. **MR**